



Contribuições filosóficas para a utilização de mitos em atividades educativas

Por ANA MARIA SIQUEIRA SILVA
EVANDSON PAIVA FERREIRA

anasiqueira4@gmail.com
evandsonpaivaferreira@gmail.com

1. Considerações iniciais

O presente projeto visa ampliar o repertório de ideias e aprimorar hábitos de leitura e escrita de estudantes do Ensino Fundamental, tendo como sustentação o universo dos mitos, que, naturalmente instigam crianças e adultos à busca pelo conhecimento. As exigências por resultados quantitativos na educação atual talvez tenha levado a demasiados métodos de ensino que priorizam a realidade objetiva. Pretende-se considerar a questão sobre a possibilidade do *logos* no mito durante debates e leituras, visando desvelar um quadro referencial de símbolos, de imagens e de temas para a ampliação dos horizontes da existência humana.

Parte-se da hipótese do caráter propedêutico da poesia e do mito supondo que, num sentido importante, eles representam uma preparação – talvez necessária – do pensamento para a filosofia, pois acredita-se que tiveram a função de quem desbrava um terreno para o pensamento filosófico. A poética mitológica traz, claramente, uma racionalização do todo, uma tentativa de compreender o mundo e nisso radica seu caráter propedêutico.

É sugestivo, no entanto, que Platão critique os poetas, mais especificamente Homero e Hesíodo, pelas concepções que resultam de suas obras, quando ele mesmo se mostra alguém que respeita a tradição cultural e religiosa dos helenos (como se pode ver em várias passagens de sua obra).

Apesar de sua crítica sistemática aos poetas, ao ponto de expulsá-los da *Polis*, Platão utiliza-se da mitologia em diversas passagens de sua obra, contudo não tem a intenção de utilizar-se do mito destituído do *logos*, porque ambas, mitologia e filosofia, são formas de compreender o mundo e o que ocorre nele. Platão, após concluir a construção de uma cidade





perfeita, na qual vislumbrou com nitidez a questão da justiça e da injustiça, passa a tratar da questão da poesia, já abordado no segundo e no terceiro livros da sua República:

_Assim, disse eu, muitas outras coisas me fazem pensar que estabelecemos a cidade de modo reto, dentre as quais não me parece menor o que dissemos sobre a poesia.

_O quê?, disse ele.

_De modo algum aceitar aquela que for mimética. E agora, que separamos cada uma das formas (eíde) da alma, parece-me ainda mais claro em tudo o argumento de sua recusa.

_Que queres dizer?

_Aqui entre nós, para não me difamares com os poetas trágicos e com todos os outros imitadores, toda ela parece-me ser a mutilação do discernimento (diánoia) do ouvinte que ainda não dispõe do remédio (phármakon) para saber o que ela é 2 .(PLATÃO, 594a-b).

Pode-se então fazer um questionamento à posição de Platão, quando diz que certos mitos não são bons para a educação das crianças: a educação dos jovens deveria ter apenas determinados exemplos a serem seguidos, quando, inevitavelmente, ter-se-á que conviver com toda a espécie de conduta? Há aí uma contradição, ou ao menos uma tensão, que precisa ser melhor compreendida. Talvez não seria o mito que Platão critica, mas a forma como este é utilizado na educação de crianças. Seria possível, por acidente, construir algo assim, capaz de provocar as reações que provocam até hoje? E mais, se fossem obras medíocres, não teriam se tornado clássicas e admiradas até a atualidade.

Aristóteles distancia-se de seu mestre, dando relevância aos poetas, mais especificamente na *Poética*, no que concerne à *mímesis* no âmbito da espécie humana. Para Aristóteles “imitar é congênito no homem” (*Poética*, 1448b 6-9). Portanto, há no homem a tendência natural para o imitar e ele se utiliza da imitação para adquirir as primeiras noções, para aprender. Mas, em Aristóteles, a poesia vai muito além do que a simples imitação. Para ele, a poesia toma os fatos (reais ou criados) e os transfigura ao tratá-los e vê-los sob o aspecto da possibilidade e da verossimilhança, o que, de certo modo, dá ao mito um significado de universalização do objeto. Aristóteles chega a dizer o seguinte: “O impossível verossímil deve ser preferível ao possível não acreditável.” (*Poética*, 1460a 28-9).

Reale, (1994, pp. 43-44) afirma que há vários significados de mito para Platão, mas resume sua concepção dizendo que “poderíamos dizer que, para o nosso filósofo, falar por



mitos é um exprimir-se por imagens, o que permanece válido em vários níveis, na medida em que se pensa não só por conceitos, mas também por imagens.” Entende-se que Aristóteles foi além de seu mestre em relação a esse assunto, porque, para Platão, o mito é restrito à *mímesis*, ou seja, à imitação das coisas. Reale diz que “são imitações dos eternos paradigmas das Ideias, de modo que a arte torna-se cópia da cópia, aparência de uma aparência, que enfraquece o verdadeiro até quase fazê-lo desaparecer.” (Idem, *ibidem*. 485). E ainda que Aristóteles se opõe a essa concepção, pois interpreta a *mímesis* artística numa perspectiva contrária, concebendo-a como uma atividade que, “longe de reproduzir passivamente as aparências das coisas, quase recria as coisas segundo uma nova dimensão.” (Loc. cit. 485.)

Para Vernant, (1973, p. 34) “a lógica que orienta a arquitetura do mito, que nela articula diversos planos, que regula o jogo das oposições e das afinidades, é a tensão entre *Dike* (Justiça, equilíbrio) e *Hybris* (insolência, instinto) [...]” Percebe-se que nem a poesia nem os mitos eram, para os gregos, uma atividade e um conjunto de fábulas para entreter. Pelo contrário, parece haver neles uma clara função explicativa (que esconde uma intenção cognitiva) e outra ética. Parece claro que há neles uma mensagem na qual se pretende mostrar a natureza das coisas. Não só as naturais, mas também as que dizem respeito ao agir humano. Pode-se falar, assim, de uma tríplice intenção explicativo-cognitivo-moral. Vernant afirma que:

Dos mitos de gênese os milésios tomam não só uma imagem do universo, mas ainda todo um material conceptual e esquemas explicativos: atrás dos “elementos” da *physis* perfilam-se antigas divindades da mitologia. Tornando-se natureza, os elementos despojaram-se do aspecto de deuses individualizados; mas permanecem forças ativas e animadas, ainda sentidas como divinas; a *physis*, quando opera, está toda impregnada desta sabedoria e desta justiça que eram o apanágio de Zeus. (VERNANT, 2006, p. 111)

O fato é que os poetas gregos, assim como os poetas trágicos, conseguiram criar peças imortais talvez porque tivessem um profundo conhecimento da natureza humana. Talvez o mito tenha um papel mediador, ou seja, um elemento que facilita a compreensão daquilo que o “logos” pretende ensinar. Portanto, servindo ao logos, o mito pode funcionar como um importante elemento pedagógico na caminhada em busca do “Ser” e, ao mesmo tempo, no aprimoramento de funções cognitivas de estudantes do Ensino Básico,



Este projeto não tem a pretensão de ensinar Filosofia a jovens, mas de utilizar-se de estratégias próprias desta área durante as atividades a serem desenvolvidas. O ensino de Filosofia é tema relativamente polêmico, talvez porque a maioria dos problemas nessa área de estudo não tenham resultados consensuais. Contudo, Murcho, (2008, p. 82) afirma que “o caráter aberto da filosofia em nada diminui o seu valor cognitivo ou social, a sua seriedade acadêmica ou escolar, ou a sua importância existencial”. Acredita-se na possibilidade de contribuições filosóficas, tendo o mito como instrumento, para aprimorar a capacidade de argumentação e a autonomia de pensamento, habilidades necessárias para qualquer pessoa. Nesta direção, Deleuze argumenta que os pseudoproblemas servem de pressuposto para o pensar.

...o pensamento conceitual filosófico tem como pressuposto implícito uma imagem do pensamento, pré-filosófica e natural, tirada do elemento puro do senso comum. Segundo esta imagem, o pensamento está em afinidade com o verdadeiro, possui fortemente o verdadeiro e quer materialmente o verdadeiro. (Deleuze, 1988, p. 218-219)

Portanto, pretende-se trabalhar com a hipótese de que o mito é universal na sua capacidade de reproduzir eventos de tal maneira conectados e organizados que representam um conhecimento profundo da natureza humana. Concebe-se, então, que o mito está, de alguma forma relacionado à uma intenção cognitiva, cuja finalidade é um conhecimento profundo, total, universal e, por meio de atividades pedagógicas que incluem a sua utilização pode-se aprimorar habilidades como leitura, escrita, análise e capacidade de argumentação em estudantes do Ensino Básico.

2. Metodologia e Resultados Esperados

Tem-se como objetivo geral, demonstrar a possibilidade de contribuições filosóficas na utilização da poesia e do mito como agentes de transformação de práticas pedagógicas. E como objetivos específicos, estudar e analisar a origem da poesia e do mito como formas de ver o mundo num movimento racional em direção à filosofia, como também determinar até que ponto se pode falar de uma natureza racional proto- ou pré-filosófica da poesia e do mito; identificar passagens em que a poesia, a criação poética ou os mitos recebem alguma menção ou tratamento por parte de Platão e Aristóteles para tentar compreender o que eles realmente pensavam sobre eles e que motivos filosóficos tinham para tratar deles nas suas obras;





ampliar as práticas de leitura de estudantes do Ensino Básico por meio de proposições de análises filosóficas a partir do mito e da poesia; identificar contribuições na utilização de poesias e mitos na constituição de idéias que podem orientar a prática pedagógica; interpretar as informações coletadas durante a realização da proposta para subsidiar a discussão e interpretação, no confronto com o referencial teórico que fundamenta o estudo.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, tendo como procedimento técnico, um estudo de caso, nos termos explicitados por Ludke e André (1986, p. 18) “o que se desenvolve em uma situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível, e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Referindo-se à abordagem qualitativa, Severino (2001 p. 8-9) enfatiza que o que interessa ao pesquisador são “as significações concretas e particulares que os indivíduos atribuem às suas ações singulares, nos ambientes particulares em que se desenrola sua existência”. Sendo assim, o pesquisador mergulha por inteiro no ambiente pesquisado, para poder observá-lo, vivenciando sua dinâmica. Quanto ao tipo será descritiva, uma vez que serão analisadas as características de um grupo, estabelecendo relações entre características variáveis, com o objetivo de contribuir para a solução das problemáticas educacionais. Quanto à coleta de dados será utilizada a observação direta dos fenômenos, seguida de relato imediato da atividade em um diário de bordo, para posterior consulta. Os sujeitos desta pesquisa serão alunos e professores do Ensino Básico de uma escola a ser determinada juntamente com o professor orientador. Pretende-se assegurar os seguintes procedimentos em sala de aula:

- Leitura de mitos de criação, como um primeiro contato com o tema: “origem do mundo” e “origem do homem”. Em um segundo momento, trabalhar com outras narrativas, que podem ser recontadas em linguagem oral, através da leitura do texto, individual, em duplas ou no coletivo, bem como recontos interpretativos simplificados por cada leitor. Utilizar diversos tipos de materiais disponíveis na “escola campo”, bem como do acervo das famílias dos alunos e dos envolvidos no projeto;
- Produção de textos com diferentes propostas, a partir de mitos lidos, para explorar a linguagem narrativa. Utilizar esses momentos de produção para trabalhar



aspectos estruturais de um texto, tais como: legibilidade, ortografia, coerência e coesão textual;

- Elaboração de coletânea encadernada com as melhores produções dos alunos e disponibilizá-la por meio digital/eletrônico e impresso para divulgar as atividades desenvolvidas;
- Confecção de uma “colcha de mitos” com desenhos, pinturas, releituras dos mitos estudados e apresentação da mesma para a platéia convidada. Cada mito será desenhado, representado seguindo diferentes técnicas e materiais (texturas, nanquim, tintas, etc) em um pedaço de tecido quadrado. Ao final do desenvolvimento do projeto, cada estudante deverá montar e costurar os quadrados, para ter a sua colcha, juntando todos os mitos num grande “quadro”;
- Elaboração de uma sequência didática, com o conjunto das atividades interligadas e planejadas como registro para auxiliar professores que se interessem por reproduzir a atividade em suas aulas.

Espera-se que a partir dos produtos educacionais obtidos por meio do desenvolvimento deste projeto, uma contribuição significativa refletida na melhoria capacidade argumentativa dos estudantes, como também na disponibilização de sequência didática que auxiliará na prática pedagógica interdisciplinar de professores.





Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa. INCM. 2000.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MURCHO, Desidério. **A Natureza da Filosofia e o Seu Ensino**. Educ. e Filos., Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 79-99, jul./dez. 2008.

PLATÃO. Coleção Os Pensadores. **Diálogos**. trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa – Porto, 1999.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. São Paulo: Loyola, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERNANT, Jean Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**; Tradução: Ísis Borges B. da Fonseca – 16ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

_____. **Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica**; tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

